

Desapreço Capital

Graves equívocos cometidos nas últimas cinco décadas estão na base das dificuldades presentes: a negligência do crescimento harmonioso e equilibrado, a brutal concentração da renda, a licenciosidade inflacionária, o desprezo em investimentos em educação, a impunidade generalizada, responsável por uma cultura cívica predatória. Tudo isso gera descrença no poder público.

No Brasil dos 30% mensais de inflação, as pessoas vivem no dia-a-dia, em compartimentos fechados e desconectados de qualquer projeto de médio e longo prazo, sem saber quanto ganham e o que podem comprar, sem poder planejar ou acreditar no futuro, pensando numa economia que estabelece custos em cruzeiros e fixa preços em dólares. Como falar em ética?

Nessa atmosfera de salve-se quem puder, ou, como dizia Mário de Andrade, "de cada um por si e Deus contra todos", a especulação é estimulada e o trabalho punido. Nesse clima, espertos são os que conhecem o preço de tudo e o valor de nada — os austeros são os trouxas. Estes não têm muito no que se agarrar, a não ser na miragem de uma indexação que apenas beneficia uma diminuta casta. Tudo isso contribui a desacreditar o poder público.

Durante a ditadura militar, o modelo delfinista contribuiu para a hipertrofia do poderio paulista e para a consolidação de uma política de rendas perversa, racionalizada pela tese de que era preciso que o bolo crescesse para que pudesse ser dividido. Hoje, o parlamentar Delfim fala linguagem diferente da que usava no tempo em que comandava um alegre grupo no restaurante Le Bistrô. Muitos de seus comensais emigraram para paragens mais prósperas e estáveis. Ficamos com uma economia cartelizada, marcada por domínios reservados, burocracias invioláveis, feudos tecnocráticos e caixas-pretas. Tudo isso gerou desapreço pelo governo.

O longo período autoritário emasculou a política, institucionalizou a cooptação e a sabujice, incentivou a ganância, enfraqueceu a cidadania, perverteu o sonho que um dia Brasília encarnou. Dos 30 anos de sua existência, Brasília passou somente oito anos na mão de governos eleitos pelo povo — e que governos.

Ao invés de representar o triunfo do homem sobre a natureza, desandou no isolamento, no hieratismo, na angústia. Sem humor, sem grupos de pressão, sem consenso, sem esquinas, Brasília desenvolveu uma dependência rígida em relação ao Estado e um solene desprezo pelo Brasil real. Era para ser uma cidade de vanguarda, tornou-se a capital do atraso e dos inocentes. Em vez de ser a capital do desbravamento, isolou-se em uma redoma e naufragou no corporativismo.

A corrupção dilapida anualmente 20% do PNB, o equivalente a US\$ 72 bilhões, que se perdem nas malhas das licitações viciadas, do superfaturamento das obras e bens contratados ao Estado, das comissões embutidas, do tráfico de influências atravessadoras. O desperdício é assustador: dois terços dos recursos destinados à Educação não chegam aos alunos. A burocracia virou um fim em si mesmo. O ministro Fernando Henrique Cardoso se assustou com os "ralos" da economia que sorvem o dinheiro do contribuinte. Tudo isso encoraja a sonegação e desmoraliza o Estado.

De mito grandioso, Brasília foi rebaixada a cenário de ritos degradantes. Parece hoje confirmar as palavras amargas de Simone de Beauvoir, que a visitou quando a cidade engatinhava. Ela disse: "Guardo a impressão de ter visto nascer um monstro cujo coração e pulmões funcionavam artificialmente, graças a processos de um custo mirabolante. Em todo caso, se Brasília sobreviver, duvidava ela, a especulação se apossará dela."

O Brasil precisa urgentemente se livrar da perplexidade e do desencanto. A hora é para estadistas.